



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FEMININA NOS FILMES QUE ADAPTAM A OBRA DE JANE AUSTEN

Wandela Jheny Diniz Sinézio – Monitora de Extensão, Pesquisadora PIBIC, Graduanda em
Pedagogia

Senyra Martins Cavalcanti – Professora do Departamento de Educação

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) – Cinematografouepb@gmail.com

Resumo: O objetivo deste artigo é analisar a história da educação feminina nos filmes que adaptam a obra de Jane Austen a partir da análise da adaptação fílmica das obras “Orgulho e Preconceito”; “Persuasão”; “Razão e Sensibilidades”. Os filmes e os livros fazem uma crítica à condição feminina no período dos séculos XVIII e XIX, reconstruindo o descontentamento vivenciado pelas mulheres em face aos limitados horizontes educacionais e de cidadania a que poderiam aspirar. As obras de Austen é de fato um fiel retrato da sociedade da época, variados são os fatores que deixam explícito a conturbação da autora, como a realidade do feminismo em relação, a educação, as desigualdades de gêneros, influência da cultura patriarcal na vida das mulheres, e o casamento que era tido como a única solução para moças naquela época. Dessa forma para entendermos todos os aspectos colocados por Austen, é necessário as análises dos filmes conjugados com as obras, contudo deve-se ter mente que, a maneira de dizer algo no cinema é diferente daquela usada no livro até porque o cinema conta com recursos, visuais e auditivos que o livro não possui. Porém, há aqueles que criticam, por não encontrarem na tela aquilo que há exatamente no livro. Então, para que se possa afirmar até que ponto as adaptações cinematográficas retratam o espírito da autora é necessário primeiro conhecer suas obras originais para depois estabelecer um paralelo com os filmes. Como suporte teórico, trabalhamos na análise as relações entre literatura, cultura e sociedade, com base em Perrot (1988), Williams (2011), Libânio (2001) e o cinema como testemunho da história (FERRO, 1992).

Palavras-chave: Educação Feminina; História da Educação; Representações Fílmicas; Adaptação Literária; Jane Austen.

1. Introdução

Desde os primórdios, as mulheres são vistas como reflexo da eterna Eva, a mulher origem do mal e da infelicidade retratada no *Gênesis*. Possivelmente, em decorrência desta origem bíblica, gerações vivenciaram uma realidade na qual as mulheres eram consideradas inferiores aos homens e a autoridade dos homens sobre elas não eram questionadas. Foi a partir da luta das mulheres com seus próprios movimentos que essa situação foi denunciada e então passou a ser considerada como construção injusta o preconceito de gênero.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Neste artigo, analisaremos a educação feminina e a exclusão das mulheres da vida pública - no final do século XVIII e início do XIX - através das adaptações filmicas das obras “Orgulho e Preconceito” em 2005 por Joe Wright (“Pride and Prejudice”); “Persuasão” em 1995 por Roger Michell (“Persuasion”); “Razão e Sensibilidade” em 1995 por Ang Lee (“Sense and Sensibility”) da autora Jane Austen (publicadas entre 1811 e 1813). “Orgulho e Preconceito” assim como outros filmes de Austen, reconstroem os costumes da época a respeito das mulheres na Inglaterra, os quais podemos apontá-los como costumes frios e conservadores. Austen representa as mulheres de sua época através de suas personagens, das situações diárias, das experiências em sociedade; abrangendo as questões da posição social, da situação financeira, do casamento e também da educação feminina.

Conforme Libânio a educação pode ser definida em Formal, não formal e informal. Considerando-se o aspecto educacional informal, tendo em vista que os homens aprendem na escola e as mulheres aprendem em casa, bordando, pintado, etc. A autora Jane Austen se torna importante, devido o fato de suas obras criarem personagens universalmente identificáveis: Quem não tem uma mãe preocupada com o casamento das filhas “naquela época” ou um parente esnobe; também por caracterizar uma sociedade desigual. No entanto a autora traz a realidade do que vive em sua época e transmite esse fato através das personagens: Elizabeth “*Orgulho e preconceito*” Anne “*Persuasão*” Elinor e Marianne “*Razão e Sensibilidade*”. Tanto os livros quanto os filmes deixam claro como a autora recusa o silêncio e a posição inferiorizada da mulher naquela sociedade. Elizabeth não é o alterego da autora, mas possui bastante em comum com as experiências que Austen teve, Elizabeth deixa claro sua indignação com a lei que impede as mulheres de herdarem os bens ou as propriedades da família, as quais passariam para o parente masculino mais próximo. Em Anne é evidente a aparição da autora a respeito da escrita, que, em suma, eram admissíveis apenas aos homens escrevê-las. Em Elinor e Marianne, a autora parece juntar ambos os assuntos, pois relata a inferioridade das mulheres em relação ao direito de propriedade e o casamento como única saída. Mesmo não fazendo parte do movimento feminista da década de 1960, Austen criticava, de maneira sutil, a situação na qual a mulher no seu tempo se encontrava e era obrigada a viver.

2. Metodologia



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Atualmente na produção histórica, a literatura juntamente com o cinema vem surgindo como um elemento que proporciona importantes recursos de análises da sociedade. Congregada com fontes, métodos e problemáticas que transformara a experiência da pesquisa histórica, hoje, ambos estão presentes numa pluralidade de estudos que anseia compreender o complexo mundo das experiências mais subjetivas de homens e mulheres. A literatura e o cinema guardam ações e reações humanas, refletindo como espelho os anseios, as expectativas de um povo, de uma determinada sociedade, levando ao seu leitor e espectador uma reflexão sobre a realidade. Dessa forma, provavelmente a autora Jane Austen, com o seu talento literário, se inspirava nos acontecimentos de sua vida e dela tirava entrecchos com os quais compôs seus romances. “A literatura é, pois um sistema vivo de obras, agindo uma sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a.” (CANDIDO, 2006, p.84). Assim refletindo sobre a ideologia de Candido (2006), quando afirma que a literatura é um sistema vivo de obras agindo uma sobre as outras, não podemos desconsiderar o cinema, visto que, o mesmo é uma obra - uma obra de arte- que está estritamente relacionado com a literatura e a história. Dessa forma, neste artigo optamos pela análise da educação feminina nos filmes que adaptam a obra de Austen, mesmo observando que essa abordagem não é consensual para os historiadores. Historiadores criticam o cinema como fonte histórica. Ferro (1992) afirma que o cinema sempre foi desprezado pelos historiadores. “O cinematógrafo é uma máquina de idiotização e de dissolução, um passatempo de iletrados, de criaturas miseráveis exploradoras por seu trabalho” (DUHAMEL, apud FERRO, 1992). Conforme Ferro (1992), esse desprezo pelo cinema reflete um distanciamento dos historiadores por não enxergarem outras informações como os risos, gestos, gritos, sempre considerados “produtos de um discurso tido como fútil e subalterno”. O autor (1992) ainda afirma que não devemos buscar somente ilustração, mas considerar as imagens como tais, como o risco de apelar para outros saberes para melhor compreendê-las.

Segundo Ferro (1992), os historiadores já recolocaram em seu legítimo lugar as fontes de origem popular: os folclores, as artes e as tradições populares. Resta agora estudar o filme, imagem ou não da realidade, documento ou ficção (...) as crenças, as intenções, o imaginário é tão História quanto a História. No entanto deixa claro que o filme é testemunho da História. Ferro (1992) possui um diferencial, ele entende que por trás da construção de um filme existe “uma zona de realidade não-visível”; que por trás do conteúdo aparente existe um conteúdo latente, o qual pode revelar algo sobre



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

uma dada realidade. Considera ainda, que a identificação dos lapsos, fragmentos involuntários que escapam aos objetivos de quem produz o filme, seria o meio para se chegar a esse elemento real oculto. É isso que o autoriza a dizer que o filme é uma contra-análise da sociedade.

Em Ferro (1992), as fontes não são excludentes, deve-se ter em mente que o fato histórico permanece como o referencial de análise. Morettin (2011) afirma que Ferro (1992) se preocupa com a veracidade da fonte e com a busca do documento autêntico ele idealiza o alcance de uma realidade, numa perspectiva que tem como eixo o fato histórico, reinterpretado. Tanto os livros quanto os filmes mostram que é possível analisar e conhecer como era aquela determinada sociedade. Notamos que por ser tratar de uma adaptação literária, buscamos na tela exatamente os mesmos elementos vistos no livro e acabamos frustrados. Porém, vale aqui ressaltar, a dificuldade para roteiristas na adaptação de um romance para o cinema, pois é necessário resumir, editar as falas, etc., para que se tornem adequadas ao meio.

3. A educação feminina na obra de Jane Austen adaptada para o cinema

3.1. Orgulho e Preconceito

“Orgulho e Preconceito” é um filme britânico, de 2005, do gênero drama, dirigido por Joe Wright e com roteiro baseado no romance da escritora britânica Jane Austen, publicado em 1813. O livro foi escrito antes de a autora completar vinte e um anos, em 1797, e era inicialmente chamado “First Impressions”, não foi publicado com esse título. A história se passa em meados século XIX, na Inglaterra rural. Tanto o livro quanto o filme nos conta a história das cinco irmãs Bennet: Jane, Elizabeth (Lizzy), Mary, Catherine (Kitty) e Lydia, filhas de Mr. E Mrs. Bennet. O Sr. Bennet, um homem reservado, a Sra. Bennet, uma mulher antiética e sem polimento social. Por não ter filhos homens, a família Bennet terá que transmitir sua herança para o parente masculino mais próximo, o primo clérigo Mr. Collins. O romance é considerado uma comédia de costumes, pois Austen toma como base suas impressões da época em que viveu e a questão da posição da mulher na sociedade, “Uma contribuição original para o entendimento dos fenômenos do passado e de sua relação com o presente” (FERRO, 1988, p. 158-64, Apud ROSENSTONE, 2010). Assim a autora conduz o leitor a uma análise de seu tempo através de seus livros e utiliza uma vasta gama de exemplos da sociedade na época. A história de “Orgulho e Preconceito” começa com a chegada de dois homens ricos a uma propriedade



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

perto da casa da família Bennet, Mr. Darcy e Mr. Bingley. A personagem central é Elizabeth que tem uma personalidade resoluta e que deseja se casar um dia “se for por amor”. Na primeira parte do filme conhecemos o objetivo principal das mulheres do período: o casamento e seus desdobramentos para a família e para a sociedade (status, segurança econômica, filhos legítimos, etc.). O filme aborda as fracas opções para as mulheres garantirem um sustento na velhice sem o casamento. A opção era se casar, até mesmo para garantir a sobrevivência básica, já que não era as mulheres de boa posição social trabalhar.

O filme e o livro abordam como os personagens se relacionam com essa situação. Elizabeth, a personagem principal, está decidida a não se casar, a menos que seja compelida por um amor verdadeiro. A visão de Elizabeth sobre o casamento contribui para que o espectador/leitor perceba como as relações entre os personagens eram influenciadas por Austen. Os acontecimentos são narrados pela personagem de Elizabeth, ou seja, Austen, a qual conta a história, porém, restrito aquilo que vivencia, pensa e sente. A obra de Austen (2011) considera como foco principal a situação da mulher do século XVIII e início do XIX, questões como: falta de educação das mulheres, falta de conhecimento, o casamento como aprisionamento e a construção da identidade feminina, reforça profundamente a visão de exclusão e privatização das mulheres das classes altas dos espaços públicos, deixando-as restritas à função de mães, sem possibilidade de desenvolvimento do intelecto. Elizabeth, por não concordar com casamentos “arranjados”, recusa o pedido de Mr. Collins, por se tratar apenas de um interesse familiar para que a herança de seu pai não saísse das mãos da família, visto que não era garantido às mulheres o direito dos bens da família ou propriedades, os quais passariam para o parente masculino mais próximo. Casar-se com Mr. Collins seria um “casamento sem amor”. A mãe de Elizabeth Bennet é apresentada como uma mãe ansiosa por casar suas cinco filhas e, assim, garantir às filhas uma situação financeira boa, no futuro. Mrs. Bennet influencia tanto as filhas, que Lydia acaba fugindo com Wickham, manchando o nome da família. Mr. Darcy paga o dote a Wickham para que ele se casasse com Lydia, salvando a reputação da família. A filha mais velha da família Bennet, Jane, se casa com Mr. Bingley, o outro personagem masculino, jovem e rico da história. Há também uma moça que já era considerada “um caso perdido” por estar “velha demais para se casar”, Charlotte Lucas, a melhor amiga de Elizabeth. Charlotte acaba se beneficiando da recusa de Elizabeth ao pedido de casamento de Mr. Collins. Charlotte acaba aceitando um pedido de casamento de Mr. Collins para lhe assegurar uma segurança financeira e não ser um peso na família, visto que já era velha e também se interessa por um “lar confortável”. Elizabeth não concorda com Charlotte, mas acaba aceitando para não perder a



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

amizade. Pode-se considerar Charlotte como o retrato da mulher naquela sociedade. Elizabeth e Darcy já possuíam opiniões formadas a respeito do outro. Elizabeth achava-o arrogante e orgulhoso - provavelmente resulta daí o nome o título (“Orgulho e Preconceito”) - por ele ter se recusado a dançar com ela, e ele pela sua diferença social, mas Darcy acaba se apaixonando por Elizabeth e pede-a em casamento. Porém Elizabeth recusa, com preconceito, não o via com bons olhos. No fim da história, Elizabeth e Darcy se casam, superando o orgulho de um e o preconceito de outro. Austen categoriza os casais “Elizabeth e Darcy” e “Jane e Bingley” como casais felizes no romance, eles estabelecem seus casamentos não somente riqueza e status, mas em amor e respeito, porém a autora não idealiza da mesma forma o casamento de “Charlotte e Sr. Collins” e de “Lydia e Wickham”, pois a autora deixa explícito que casar com um homem apenas para se sentir segura no futuro degrada o auto-respeito à mulher. Na história, percebe-se a verdadeira intenção de Austen. Como vimos antes, as descrições são dadas pela visão da personagem central (Elizabeth), a qual expressa diretamente suas emoções, estas são percebidas através de atitudes. Na análise comparativa do filme e do romance, percebe-se o posicionamento da autora em relação a esta abordagem, que de fato pode ser vista como uma crítica a situação das mulheres naquela sociedade. Os livros trazem variadas discussões, que o filme não traz, entretanto é necessário destacar que este não é o motivo pelo qual a história ainda segue como uma das mais lidas; a redação, os personagens fazem da autora a mais atraente escritora feminina. Também as constantes adaptações das obras têm mantido vivo a história na memória das pessoas. O sucesso cinematográfico trouxe um grande número de leitores que até então eram desconhecida para eles. O recorte feito pela roteirista é admirável. A história mantém sua essência e sua base, e encanta a quem conhece a obra apenas pelo filme, mas é nítido para os leitores do livro o quanto se perde, por isso é cogente assistir ao filme e ler a obra. “Avaliação acerca da pertinência histórica do documento fílmico é dada pelo saber que já se deteve sobre as fontes escritas e que pode assim, aquilatar a qualidade de sua informação” (FERRO, 1992, apud MORETTIN, 2011).

3.2. Persuasão

“Persuasão” é um filme do gênero Drama, produzido por Roger Michell, e com roteiro escrito com base no romance de Jane Austen publicado em 1818. Tanto o livro quanto o filme nos conta a história da família Elliot, o Sr. Elliot e as três filhas: Anne, Elizabeth e Mary. O Sr. Elliot um homem aristocrata, viúvo, vaidoso; sua boa aparência e posição eram razões válidas para seu orgulho, e ter



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Elizabeth como filha o orgulhava muito mais. Elizabeth sucedera a mãe em direitos e importância, sendo muito atraente e muito parecida com o pai sempre exerceu sobre ele grande influência. Enquanto Mary só adquiriu importância para o pai, devido o fato de ter se casado com um Musgrove (família de boas maneiras), já Anne era considerada para o pai, uma moça intolerável que apesar de ser intelectual, elegante, com espírito de doçura, não tinha boa aparência, sendo assim nada representava para o pai ou a irmã (Elizabeth); suas palavras não tinham peso, sua utilidade era ceder sempre. Mas para Lady Russell – mulher elegante, viúva, aristocrata, vizinha da família Elliot – Anne era considerada uma moça de grande importância era como se fosse filha de Lady Russell. Lady Russell apesar de ser atenciosa com Anne foi responsável pelo “rosto triste” de Anne durante oito anos e meio, visto que, Anne, influenciada por Lady Russell, recusou casar-se com Frederck Wentworth, pois ele não tinha alianças ou fortunas para oferecer a Anne, entretanto durante as guerras napoleônicas tornou-se oficial da marinha, talentoso, e adquiriu muito dinheiro. Anne apesar de ser rica, intelectual, em todo o trajeto do filme apresenta-se como uma moça infeliz, apenas no final sorrir. Anne assim como Elizabeth de “Orgulho e Preconceito” seria a própria Jane Austen refletindo seus pensamentos. Em Persuasão são discutidas todas as implicações morais afetivas e sociais acarretadas pela responsabilidade de se induzir alguém a praticar um ato; o descontentamento das mulheres em relação às desigualdades de gênero; e a educação feminina no século XVIII e XIX, direcionada apenas para o casamento, que, de fato, expõe a indignação de Austen. Austen ao escrever o romance, além de analisar as implicações dos atos de persuadir em si, aborda as consequências da abstenção de praticá-lo, na verdade ela vivenciou uma situação semelhante a qual a fez refletir todas essas implicações. A história de “Persuasão” começa com a conversa do pai de Anne, com sua filha Elizabeth, o advogado da família e Lady Russell, que analisam a situação financeira da família, a qual apresentava ser uma lastima para o Sr. Elliot que era bastante orgulhoso e não queria aparentar-se “pobre”, então para que as pessoas não percebessem que a família passava por uma situação financeira crítica, o advogado da família aconselhou o Sr. Elliot a mudar-se para uma cidade pequena, visto que na cidade pequena ele não deixaria de ser importante e ainda economizaria. Então o Sr. Elliot deixa Kellynch Hall (cidade) e vai para Bath (cidade pequena). Elizabeth aconselhou Anne ir passar uns dias na casa de Mary, pois Mary dizia estar doente, Mary o tempo todo dizia estar doente, o filme deixa explícito que Mary usava como arma a doença para auferir atenção de seu marido (Charles Musgrove). Mary também tinha dois filhos e para ela, eles eram um tormento. O filme e o livro abordam como os personagens se relacionam com a situação das mulheres na época, para viver em sociedade as moças tinham que seguir



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

regras de conduta, de etiqueta e padrões de moral. Anne ao visitar os Musgrove foi prontamente convidada a tocar, dançar. As mulheres pertencentes à nobreza local tinham acesso à educação, mesmo que de forma precária. Para as mulheres cabia o espaço privado, a conduta para elas eram religião e talentos. Em uma conversa com seu cunhado Anne diz que “as mulheres não esquecem os homens tão depressa assim como eles fazem” Ela fala que não conseguem evitá-los, pois vive em casa, calma, confinada, enquanto os homens sempre têm negócios para levá-los ao mundo. Na mesma conversa, Anne diz que todas as histórias em prosa e verso fazem menção a volubilidade das mulheres, pois todas foram escritas por homens “O privilegio que reclamo para o meu sexo e não é muito invejável, não precisa cobiçá-lo, é o de amar mais tempo quando já não há esperança...”. Outra ferramenta usada por Austen é os personagens da Sra. Croft irmão do capital Frederick e seu esposo Almirante Croft. Em um comentário, o Sr. Almirante fala que parte dos homens declararam que jamais teria uma mulher a bordo e logo Frederick argumenta “não por falta de cortesia para com as mulheres, mas é impossível deixar um barco cômodo para uma dama” A Sra. Croft diz “já vivi pelo menos cinco anos com meu marido e era a única mulher a bordo”. “Detesto que fale das mulheres como se todas fossem damas delicadas em vez de seres racionais, nenhuma de nós queremos ficar em águas calmas toda vida”. Percebe-se, pois, que a autora Jane Austen descreve uma fria e objetiva visão das limitadas opções das mulheres em relação à desigualdade de gênero, uma vez que reflete heroínas com “identidade” no meio em que vivem, embora suas heroínas tenham ilusões na vida, elas podem claramente expressar seu ponto de vista sobre os valores da sociedade. Por se tratar de romances a autora cria protagonista que manifesta o prazer do espectador, do leitor em apreciar seus livros e filmes. Persuasão não é diferente, no final, Anne, depois de oito anos reencontra o capital Frederick, o qual escreve uma carta para ela dizendo:

Não me digas que é tarde, que sentimentos tão preciosos se foram para sempre. Ofereço-me a você com um coração que é mais seu do que quando desperdiçou há oito anos. Não diga que o homem esquece mais depressa que a mulher, que seu amor morre mais cedo. Não ameie ninguém se não a você. Posso ter sido injusto fui fraco e rancoroso, mas nunca inconstante vim a Bath só por você meus pensamentos e planos são por você. Não se deu conta? Não percebeu os meus desejos?...Uma palavra um olhar será o suficiente para decidir se irei a casa de seu pai esta noite ou nunca (AUSTEN, 2011, p.239)

Anne após ler a carta com o coração em apuros se encontrou com o capitão, e ambos viajaram no navio. De fato essa passagem que Austen acrescentou em sua obra, manifesta a conquista da personagem em poder viajar em um barco que segundo tradições da época não seria cabível para uma dama. Assim



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Austen, desdobra em sua obra mais uma conquista da personagem, que vai de encontro com as tradições permitidas na época.

3.3. Razão e Sensibilidade

Razão e Sensibilidade ou Razão e sentimento é um filme britânico de 1995, do gênero comédia romântica, dirigido por Ang Lee e com roteiro baseando no romance de Jane Austen, publicado em 1811. O livro e o filme relatam a história das jovens, Dashwood(Margaret, Elinor, Marianne) e o seu irmão do meio John. Quando seu pai morre, a propriedade da família passa para John, o único filho homem, e as mulheres Dashwood se vêem em circunstâncias tormentosas. O romance relata a modificação das irmãs Dashwood para uma nova casa, mais simples e distante, e seus relacionamentos. Percebe-se a inquietação de Austen a respeito da herança que é transmitido para um parente masculino, em uma conversa de Elinor com Margareth, a irmã caçula, Elinor diz “as propriedades passam de pai para filho e não de pai para filha é a lei”. Assim como Orgulho e preconceito e Persuasão, Austen transmite mais uma vez sua intenção critica a respeito da lei, que de certa forma era injusta com as mulheres. A história começa com o falecimento do Sr. Dashwood, herdando as terras, seu filho John, do primeiro casamento, antes de falecer o Sr. Dashwood pediu a seu filho que em tempo algum desamparasse sua madrasta e suas irmãs, mas a sua esposa, a Sr.Fanny, colocou empecilhos para que o seu marido não cumprisse a promessa feita ao pai. Então o meio irmão das meninas não pagara o Dot das moças e daria apenas 500 mil libras por ano, não cumprindo a promessa feita a seu pai. A senhora Dashwood sendo obrigada a sair da casa, mudou-se com suas filhas para Devonshire, onde morar nas terras de um parente distante viúvo, porém vivia sob companhia de sua sogra, mulher desinibida que preocupava-se apenas em casar as moças, Dashwood. Marianne provocou interesse no Coronel Brandon, um homem, muito reservado, elegante e de gestos educados, de aproximadamente 35 anos. Porém Marianne o rejeita e, pois acha velho demais. Durante uma caminhada Marianne, ao fugir da chuva, cai e machuca seu tornozelo. Repentinamente, um belo rapaz, Willoughby, que estava visitando sua tia, Mrs. Smith, e passava por perto, vê o acidente e carrega Marianne até sua casa, adquirindo sua admiração mediante o bom gosto, romantismo, e seu conhecimento de poesia e arte, e se apaixona por Willoughby, um rapaz com condições financeiras boas, mas que não era de bom caráter. O compromisso entre os dois é dado como certo até que Willoughby anuncia sua partida atendendo a uma ordem de sua tia, pois engravidou uma moça e perdeu toda sua fortuna e apesar de gostar de Marianne



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

teve que deixá-la aceitando o Dot de 50 mil libras para casar com uma moça o que provoca em Marianne profunda tristeza e desilusão. A autora mais vez coloca a situação das mulheres como uma situação precária, ela usa seus personagens para descrever que o dinheiro as mulheres sem dinheiro não tinham algum valor. Coube às irmãs Elinor e Margaret, consolar Marianne. Há contraste entre as irmãs, Elinor é mais racional e Mariane mais emotiva, Elinor e Marianne buscam o equilíbrio entre a lógica e emoção talvez resulte daí o nome Razão e Sensibilidade, em todo o trajeto da história têm-se transtornos entre as irmãs. Edward irmão da cunhada das meninas permaneceu na companhia da família Dashwood por uma semana, o tempo suficiente para ambos, Edward e Elinor, se apaixonarem. Porém Edward a pedido de sua mãe, que não aceitava jamais que seu filho casassem com uma mulher sem dinheiro, partiu para Londres. Elinor procurou ocupar seu tempo para evitar o sofrimento que lhe afligia com a falta de Edward. Marianne recebeu uma carta onde Willoughby desfez toda e qualquer ilusão de Marianne não sentido de que ele não tinha compromisso algum com ela, e lhe pediu desculpas se assim a fez pensar. Enquanto Edward, antes de conhecer Elinor estava comprometido há cinco anos com uma moça e queria cumprir sua palavra, porém a moça era pobre e a mãe não permitiu seu casamento, assim como Willoughby, Edward também foi deserdado. A família Dashwood acredita que Lucy já está casada com Edward; entretanto, no dia seguinte, Edward chega e revela que seu irmão, Robert Ferrars, é que casara com Lucy; dessa forma, quebrou o antigo compromisso e estava livre. Edward pede a Elinor que se case com ele, e ela aceita. Edward se reconcilia com sua mãe, que o ajuda financeiramente, assim como com sua irmã Fanny. Edward e Elinor se casam e se mudam para Delaford. Marianne amadurece e decide casar com o Coronel Brandon, então com 37 anos. Apesar da rejeição inicial, a gratidão e respeito que adquiriu pelo Coronel se transformaram em amor. No filme alguns personagens pouco ou sequer aparecem como a esposa de Sir John, Lady Mileton, o próprio marido - que surge em poucas cenas -, e a irmã de Lucy. Contudo, foram caracteres que pouco tem importância no contexto da história, que facilitou o resumo de partes extensas para um enredo cinematográfico e em contrapartida estiveram bem realocadas. Assim, tanto o cinema quanto o romance permite ao leitor-espectador esquecer da própria realidade e mergulhar no mundo simbólico, construído por autores que faz repensar sentimentos e emoções. O ato de assistir ao filme ou ler uma obra representa novas experiências a cada contato.

4. Discussão



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Os três romances de Austen são exemplos de como a autora recusa o silêncio e a posição da mulher. Com o auxílio das personagens ela cria um senso de humor (Elizabeth), de angústia (Anne) e de racionalidade (Elinor), porém sem deixar de lado seus questionamentos a respeito da situação das mulheres. Pode-se dizer que a autora em cada obra abrangeu uma parte da história de sua vida e de sua família. Em *Orgulho e preconceito*, Elizabeth é bastante alegre rí e desvendava suas opiniões a respeito do casamento, onde deixa claro que só casaria se fosse por amor, porém em *Razão e Sensibilidade*, Jane Austen mostra outro lado da história, pois Marianne amava o Sr. Willoughby e acabou se casando com o Coronel Brandon; Porém podemos observar, que a jovem Marianne casou com o Coronel pelo fato de ser pobre e querer adquirir uma situação financeira boa no futuro, assim como Charlotte a fez casando com Mr. Collins, no filme *Orgulho e preconceito*. Em *Persuasão* a autora também traz a questão do casamento, visto que Anne sofreu durante oito anos e meio porque recusou casar-se com o amor de sua vida, pelo fato dele ser pobre. As três obras de Austen se aproximam por apresentar romances diferenciados, porém com o mesmo propósito- mostrar como era a situação das mulheres no século XIX e XIX e seus desdobramentos. Em todos os seus filmes a autora apresenta a educação das mulheres como sendo educação para o lar, elas liam, tocavam, bordava, etc. Conforme Perrot (1988), o século XIX acentua a racionalidade harmoniosa da divisão sexual. Cada sexo tem sua função, seus papéis, suas tarefas, seus espaços: “Ao homem, a madeira, os metais. À mulher, a família e os tecidos”, declara um delegado operários da exposição mundial de 1867.

A imposição de um processo de socialização diferenciado às mulheres pode ser vista desde a sua infância, se observarmos que as meninas são incentivadas a serem passivas sensíveis e frágeis, e os brinquedos infantis reforçam o papel de mãe, dona de casa, ou seja, as meninas brincam de boneca, casinha, fazer comida - tudo isto dentro do lar. Os meninos, pelo contrário, brincam em espaços abertos, na rua. Jogam bola, brincam de carrinhos, e, de fato até nos jogos comandam e são incentivados a serem fortes independentes e valentes.

Na educação da mulher, durante a época de Austen, não existia um sistema de educação propriamente dito. As mulheres pertencentes à nobreza local já tinham acesso a educação mesmo que de forma precária. A educação era com bases no Iluminismo, como na obra “*O Emílio*”, de Rousseau. O ideal de Rousseau limita o acesso feminino à educação por afirmar que os livros e a racionalidade haviam sido criados para a degustação masculina, reforçando a idéia da mulher como propriedade do pai quando solteiras e do marido quando casadas. A influência do iluminismo criou um sistema educativo



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

fundamentador da razão, dessa forma, para os pensadores do Iluminismo, a mulher estava excluída dessa necessidade educativa. Assim, muito “naturalmente”, desde os primórdios, Rousseau afirma que ao homem cabia o espaço público enquanto à mulher cabia o espaço privado. A conduta recomendada para as mulheres era a educação em aspectos domésticos, religião e “talentos”, ou seja, tudo em função do casamento. Dessa forma, a identidade feminina, na visão de Austen, é estabelecida de maneira complexa. Austen critica o lugar da mulher na sociedade argumentando que a visão da sociedade sobre o casamento desvaloriza a identidade feminina. No entanto, percebe-se que a educação era restrita e foi totalmente direcionada às mulheres apenas para que elas conseguissem casar, visto que as mulheres não faziam “nada mais que sua obrigação” e estava destinada a viver o resto de sua vida dependendo do homem (marido). A única segurança financeira para as mulheres era casar-se com um marido rico. “As mulheres estavam investidas de um grande poder social, realizando as funções de mãe e esposa” (PERROT, 1988, p. 179).

5. Considerações finais

A adaptação de obras literárias pode contribuir significativamente para a compreensão da leitura justamente por serem escritas numa época distante da realidade dos alunos. O lugar social da mulher no século XVIII e início do século XIX nos faz pensar que realmente essa época foi uma época de injustiças contra o feminismo e que de fato houve uma preocupação da autora (Austen) nas ações e comportamentos das personagens diante de seus dilemas.

Depois de ler muitas críticas e muitas opiniões a respeito de Jane Austen e sua obra, conhecemos um pouco mais a sua história e trajetória. Em Austen, podemos conhecer o retrato da sociedade na época, permite-nos perceber o motivo da preocupação de Austen em relação à educação feminina e ao casamento. Percebe-se também que apesar de haver críticas contra o cinema como fonte da história, este, de fato, nos permite fazer uma releitura da educação feminina na época.

Professores de Literatura vivenciam nas atividades diárias, o desafio de estimular a leitura aos alunos, pois estes questionam que os textos originais, em maioria, possuem uma linguagem que dificulta o entendimento. Todavia um filme consegue adaptar um romance renovando a sua apresentação e a sua narração sem dele modificar a essência, sendo fiel a uma obra. Como vimos há dificuldades em se filmar uma obra literária. Uma das dificuldades é trazer à tela a narrativa do texto, mas, o cinema consegue com a música, com a paisagem, com os protagonistas “criar o clima” ideal para uma cena de



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

amor ou de suspense, mantendo a mesma qualidade e trazendo magníficas obras de arte - literatura e cinema, favorecendo o diálogo entre ambos, pois este já faz parte do cotidiano do jovem, assim como a televisão e a internet. Portanto, o cinema contribui efetivamente na formação de leitores.

Por tudo o que foi exposto anteriormente, depositamos aqui a necessidade de os professores trabalharem em sala de aula utilizando o cinema, visto que o filme possui valor de análise, e se utilizado como documento ajudará na construção de um conhecimento histórico sobre os mais diversos temas. Também poder ser uma ferramenta de apoio fundamental nas aulas, principalmente de história. O cinema além de ser uma maneira prazerosa de o aluno aprender é também uma forma de inovar a educação.

6. Referências

AUSTEN, Jane. **Orgulho e Preconceito**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

AUSTEN, Jane. **Persuasão**. Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 2011.

AUSTEN, Jane. **Razão e Sentimento**. Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 2011.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. 9ª edição revista pelo autor. Ouro sobre Azul. Rio de Janeiro. 2006.

FERRO, Marc. O filme: uma contra-análise da sociedade? In: **Cinema e história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. (p. 25-47)

LIBÂNIO, José Carlos. Pedagogias e Pedagogos: **inquietações e buscas**. *Educar*, Curitiba, n. 17, p. 153-176. 2001. Editora da UFPR. Disponível em:

http://www.educaremrevista.ufpr.br/arquivos_17/libaneopdf. Acesso em: 14 Agost.2015

MORETTIN, Eduardo. O cinema como fonte histórica na obra de Marc Ferro. In: CAPELATO, Maria Helena et all. **História e cinema**: dimensões históricas do audiovisual. 2ª.ed. São Paulo: Alameda, 2011. (p. 39-64).

ORGULHO E PRECONCEITO. Direção: Joe Wright. Universal Home Vídeo 2005. Internet (127 min). <Disponível em: www.supercine.com>. Acesso em: 14 jul.2014.

PERROT, Michelle. **Os Excluídos da História**: operários, mulheres, prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

PERSUASION. Direção: Roger Michell. Sony Pictures Classics. Video 1995. Duração 107 min. Suporte: DVD.

ROSENSTONE, Robert. Ver o passado. In: **A história nos filmes - os filmes na história**. São Paulo: Paz e Terra, 2010. (p. 27-54).



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

RAZÃO E SENSIBILIDADE. Direção: Ang Lee. Columbia pictures Vídeo1995. Internet (115 min).
<Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uGShnR0INC8>>. Acesso em: 07 Agost. 2015